

## FERNANDO PESSOA — QUESTIONAMENTOS SOBRE A DISPERSÃO DO HOMEM

Vera Lúcia Albuquerque de Moraes

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva estabelecer pontos de contato entre as idéias de Michel Foucault e Fernando Pessoa sobre a origem da linguagem e do homem.

Em *As Palavras e As Coisas* Foucault insiste na idéia da dispersão do homem. Durante a época clássica a Razão era considerada como centro organizador da Verdade. Foucault considera que, a partir do século XIX, o homem tem consciência de que não é capaz de explicar a totalidade dos fenômenos — existem variações no campo epistemológico que escapam à racionalidade humana. Daí, ele pregar o domínio da Irração como núcleo da verdade da Razão.

É inútil ao homem querer apreender o centro de tudo, o fundamento das coisas, porque este sempre lhe escapará, num constante deslocamento.

Cada estrutura revelará um dos aspectos do fundamento, mas a intenção implícita que impulsiona as transformações, possibilitando as diferenças entre as estruturas, constituirá "espaços brancos" para a racionalidade humana.

A linguagem é linguagem do exterior, fala sem sujeito, complicação da relação do homem com a espacialidade, idealmente configurada pela morte.

Dessa maneira, nós não inventamos nada, somos inventados. O homem não fala, mas o próprio sistema fala através dele: "nós não falamos, somos falados."

Disseminadas nos poemas de Fernando Pessoa, encontramos idéias que exprimem essa angústia pela não-revelação do

fundamento. De quem são as palavras que ele utiliza, é a grande indagação de sua poesia.

Devido à sua religiosidade, Pessoa tende ao metafísico para uma tentativa de aproximação do transcendental. Tem consciência de ser apenas símbolo de algo que é, ao qual ele tudo deve. Como poeta, ele se sente predestinado a servir de veículo às mensagens do Desconhecido aos entes comuns. Oscilando entre o conformismo e a revolta, a temática de sua obra estará centrada nesta "febre do Além", no Absoluto de onde ele se considera exilado — "Expulsão — ser do Universo longínquo" — habitando o deserto-morte de si mesmo, negação do próprio Mistério, da própria Vida.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. A Arqueologia de Michel Foucault

O século XX viu chegar, com o Estruturalismo, uma mudança radical na ordem estabelecida. O que antes deveria ser explicado pela evolução histórica, pelo contínuo espiritual, à luz da Arqueologia de Michel Foucault não significa mais do que resquícios de uma exausta metodologia naturalista — racionalista.

Diz ele que se compararmos dois momentos históricos, poderemos verificar que um não explica o outro por relação de causa e efeito; antes, a vizinhança dos dois serve tão-somente para acentuar suas diferenças. Para ele, predomina o descontínuo, ocasionado por variações do campo epistemológico que determina a "fratura".

Se queremos explicar uma determinada estrutura, teremos que recorrer aos fatos sincrônicos porque a diacronia tem falhas para a continuidade de uma explicação.

"O estruturalismo desiste de olhar o passado em cadeia, preferindo fixar cada elo de per si, desiste de entender-se numa dialética da mobilidade, preferindo a análise do que se imobilizou, ou aparentemente se imobilizou, desinteressa-se dos jogos da causa-efeito para apenas constatar o que se julga um efeito."

Para Foucault, o homem pode observar e descrever determinada estrutura, mas o princípio de coerência que a rege, aquela intenção implícita que estrutura determinada área cultural, permanece invisível àqueles que a utilizam, constituindo verdadeiros "espaços brancos".

ob o A diferença entre estruturas culturais, a passagem de um estado a outro, depende de uma modificação inconsciente do campo epistemológico, que escapa totalmente ao homem. E o que ocorre? Uma mudança de Ordem, em que o homem não é mais o centro, apenas um dos elementos do sistema.

Diz o próprio Foucault que o homem é uma invenção recente e seu fim poderá estar próximo. O homem é peça de uma engrenagem que se move, cujo fundamento ele não consegue captar.

A Razão é insuficiente para abranger o domínio da totalidade e a Irrazão ou Desrazão passa a ser considerada como núcleo da "verdade" da Razão.

O fim do homem é o fim do nosso humanismo, da figura que o homem tem emprestado a si mesmo.

"Todo conjunto de saber se apaga sobre um 'espaço de ordem', sobre o fundo de um *a priori* histórico ou campo epistemológico (episteme), que constitui o seu solo de possibilidade: é a partir daí que conhecimentos e teorias tornaram-se possíveis numa época determinada."

Além da linguagem de um período histórico, das classificações provisórias de uma ciência, existe uma ordem profunda, uma configuração global.

O homem é este ser sempre separado da origem por sua própria dispersão e pela distância do tempo.

Daí, essa nossa ansiedade em querer captar o fundamento, em querer retomar a origem, porque é nela que a experiência se concentra e manifesta sua positividade.

O pensamento moderno volta-se para o desejo do "retorno", para a preocupação do recomeço, para esta inquietação de "repetir a repetição".

O pensamento se curva sobre ele mesmo, fecha o círculo e desaparece no ponto em que começou.

Foucault sofre evidente influência de Nietzsche. A promessa do super-homem significa, antes de tudo, a iminência da morte do homem.

"Foucault mostra que a loucura tem uma história e um sentido que pertence menos ao sujeito dela que ao mundo do 'homem normal' que nela se institui como normal."

O estruturalismo psicanalítico de Jacques Lacan deixa sua marca na Arqueologia de Michel Foucault.

A questão fundamental da Psicanálise é: quem fala, quando se trata do inconsciente?

Lacan responde que é o *Outro*, lugar transcendental "memória" que a fala evoca sempre que intervém. Esse *Outro* é

exatamente a mola da fala — o inconsciente é o discurso do *Outro*.

Se 'isso' fala no *Outro*, é que é lá que o sujeito, por uma anterioridade lógica a todo acontecimento do significado, encontra seu lugar significante."

O "eu" é um fenômeno da linguagem como transcendência. A Verdade é dita pelo conjunto dos fenômenos culturais e nós permanecemos fora dela — não poderemos ter como nossos os discursos com que nos falamos.

Outro grande pensador que influenciou as teorias de Foucault foi Martin Heidegger. Ele afirma que o fim do homem está na destruição de uma "imagem" que ele tem conservado. "A Linguagem é a casa do ser e nela habita o homem" — a linguagem é o dínamo subjacente, aquela intenção implícita que impulsiona o dito e o não-dito. O homem manipula um sistema de signos já dado: "nós não falamos, somos falados."

Heidegger identifica a força da "linguagem" à da própria "poesia" — por isso, o poeta é aquele ente predestinado a captar a força instauradora da linguagem, verdadeira fonte de libertação.

O Pensamento Essencial Heideggeriano exige uma preparação aqui e agora para o caminho de volta à essência, ao fundamento.

"O passo de volta da metafísica para dentro da essência da metafísica, visto a partir dos dias atuais e assumido a partir de sua compreensão, é o passo da tecnologia e da descrição e interpretação tecnológica da nossa era para dentro da essência da técnica moderna que ainda deve ser pensada."

Ele afirma que nós não procuramos a força no que foi pensado, mas em algo impensado, do qual o que foi pensado recebe seu espaço essencial. Mas somente o já pensado prepara o ainda impensado, que sempre se manifesta de novas maneiras.

A dialética heideggeriana é a tensão entre imanência e transcendência do ente. O homem vive em estado de indigência, isto é, não pode existir senão em comércio de comunhão com o mundo dos entes. Durante sua existência, ele procura transcender essa indigência, executando um movimento de retorno, em direção a sua essencialidade. O ser, ora se desvelando, ora se escondendo, não se mostra em sua totalidade ao ente. A consciência da imanência e da diferença é que possibilita ao ente essa tentativa de transcender seu próprio estado indigente, procurando apreender o ser.

Foucault explica que até os fins do século XVI, a linguagem não era considerada um sistema arbitrário — ela é a marca de alguma coisa que não se manifesta, mas que mostra à sua superfície sinais que possibilitam uma decifração pelo homem.

O enigmático, o misterioso, fazem do próprio discurso uma verdadeira interpretação:

“Ir da marca visível ao que se diz através dela e que, sem ela, permaneceria palavra muda, adormecida nas coisas.”

A partir do século XVII, a disposição dos signos torna-se binária, pois que será definida, com Port-Royal, pela ligação de um significante a um significado — a questão agora é como um signo pode estar ligado ao que significa. A profunda interdependência da linguagem e do mundo acha-se desfeita.

“As coisas e as palavras vão separar-se. O olho será destinado a ver, e a ver apenas; o ouvido, apenas a ouvir. O discurso terá então por objetivo dizer o que é, mas já não será coisa alguma do que diz.”

A linguagem irá principalmente “nomear” as coisas, designá-las. A noção primordial de que o Mundo já traria implícita sua própria linguagem, através de sinais aparentes em sua superfície — elos de ligação entre o homem e o invisível — é substituído pela idéia da função da linguagem, não como a própria coisa em si, mas como sua representação — toda a linguagem vale como discurso.

A linguagem não é senão a representação das palavras; a natureza não é senão a representação dos seres; a necessidade não é senão a representação da necessidade.

Para Foucault, Sade ocasiona uma reviravolta nessa Ordem — assinala a morte da Idade Clássica e do discurso representativo.

“A partir dele, a violência, a vida e a morte, o desejo, a sexualidade vão estender, por debaixo da representação, uma imensa extensão de sombra que tentamos agora retomar segundo as nossas possibilidades, no nosso discurso, na nossa liberdade, no nosso pensamento.”

Durante todo o século XIX até os nossos dias, a literatura teve de formar uma espécie de “contradiscorso” para se desprender de linguagens alheias e lograr existir em sua autonomia.

Efetua, assim, um retorno da função representativa da linguagem ao ser bruto esquecido desde o século XVI — a partir do século XIX, a literatura expõe à claridade a linguagem no seu ser:

"A interpretação, no século XVI, ia do mundo (coisas e textos ao mesmo tempo) à Palavra divina que nele se decifrava; a nossa, pelo menos a que se formou no século XIX, vai dos homens, de Deus, dos conhecimentos ou das quimeras, às palavras que os tornam possíveis; e o que ela descobre não é a tirania de um discurso primeiro, mas o fato de que somos, antes de qualquer das nossas palavras, por ínfima que seja, já dominados e repassados pela Linguagem."

## 2.2. A presença da ausência em Fernando Pessoa

Fernando Pessoa, em seus poemas, e em revelações que fez durante sua vida, sempre demonstrou profunda inquietação pela incapacidade de apreensão do Mistério, pela consciência de um domínio do Desconhecido.

Como poeta, ele se julgava "emissário de um Rei desconhecido", isto é, ente predestinado a servir de elo de ligação entre o fundamento, a força invisível que possibilita o aparecimento das coisas, e o fundamento, o mundo dos entes.

Sua angústia agravava-se na medida em que aumentava a consciência de ser quase um simples "canal" transmissor de mensagem, sem contudo conseguir penetrar na profundidade de seu enigma.

Sente a limitação da racionalidade humana para desvendar o que não pode ser apreendido pelos sentidos e, portanto, considera que é a Irração ou Inconsciência que dirige os nossos passos para a casa do Desconhecido.

"Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos em experiências de diversos graus de espiritualidade, subutilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com nosso, interpenetradamente ou não."

A ânsia da totalidade, sem barreiras espaciais ou temporais, faz com que o poeta despessoalize-se, simulando — outros *eus* dentro de si.

Nathalie Sarraute afirmava que havia dentro dela movimentos fortuitos, que apareciam e desapareciam muito rapidamente e que ela sentia necessidade de passá-los em câmera lenta para a consciência do leitor. Os personagens nada mais eram que expressões de impressões desses movimentos que deslizavam em sua mente. Parece que Fernando Pessoa sente

a necessidade de uma divisão para expressão da multiplicidade desses movimentos interiores.

Ele tem, contudo, consciência de sua tensão com esse Desconhecido, na medida em que reconhece seus limites humanos de realização, quando afirma:

"Querendo, quero o infinito.  
Fazendo, nada é verdade."

(Cancioneiro — 13.9.1933)

**B S C H**

Observamos aí uma ligação da mitologia pessoal do poeta com a mitologia cósmica.

"A consciência da existência duma realidade absoluta, como experiência vivida e a criação duma poesia vista como tentativa para transmitir essa realidade, para ser ela mesma, coloca Fernando Pessoa na linha dos poetas que neste século de novo possuíram esta consciência; de novo iniciaram o movimento em direção a essa realidade."

A profunda religiosidade do poeta atingia a sua forma máxima, quando identificava a sua participação poética à sua participação mística.

A procura da integração total, da unidade, atravessará toda a obra de Fernando Pessoa, que procurava pertencer a tudo para pertencer cada vez mais a si mesmo. Por isso, sua poesia está sempre em aberto, inacabada, em vias de fazer, porque "tudo é mistério e tudo é prenhe de significado".

Todos os meios de procura foram considerados válidos pelo poeta, nessa tentativa de captar o Absoluto. A procura da participação do divino, o leva a crer insuficiente a forma intelectual ou ritual do catolicismo para a compreensão da transcendentalidade. A procura de Pessoa se processará mais no âmbito da mística que no da religião, numa aventura pessoal em direção ao Além.

Em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, ele observa o cristianismo está se deteriorando. O que era misticismo e interioridade deserta-o para formar agrupamentos ocultistas. Segundo o poeta, o mundo abandonou aquela restrita obediência ao Cristianismo e valorizou outras religiões. Considera que esta emergência de diversos sistemas religiosos teve um resultado particular: reergueu o paganismo dos gregos e romanos.

Nos seus últimos anos de vida, os caminhos iniciáticos foram tentados pelo poeta. São anos de crise em que essa

aventura espiritual não se realiza no tempo do mundo empírico mas no da alma.

"É uma procura da alma; mergulha em si mesmo para atingir o ser primitivo e verdadeiro, à volta do qual tudo começou, e à volta do qual tudo há-de recomeçar, organizar-se — tudo se há-de regenerar."

Aliás, esta idéia já está contida na dialética de Platão, que confirma a fundamentação do mundo sensível no mundo inteligível. É preciso que se admita um conhecimento das idéias incorpóreas que antecede ao conhecimento fornecido pelos sentidos, que só alcançam o corpóreo.

O poeta se identifica unicamente com um ponto espacial e um momento e tem a consciência de que seu eu, como devir, dispersa-se continuamente e se desintegra através do tempo e do espaço.

O que possibilita essas buscas multiformes em Fernando Pessoa é seu enorme poder de imaginação.

"O segredo de penetrar nesta criação poética maravilhosa é precisamente sua valoração imaginativa. O mesmo poeta, em vez do fastio do mundo existente, sentirá cansaço da própria imaginação."

Mediante a hipertrofia da função de pensar, o poeta chega a confundir *sentir* e *pensar* — para ele, muitas vezes, o sentimento "pensa" e o pensamento "sente".

A sensação e a emoção artística são quase sempre intelectualizadas em Fernando Pessoa. A tal ponto isto se desenvolve que percebemos, em sua poesia, a consciência da sensação e a consciência da consciência da sensação, num grau de intelectualização progressivo, à medida em que ele vai conseguindo decompor essas sensações.

Para ele, a arte é a intelectualização da sensação, através da expressão.

"A única realidade da vida é a sensação. A única realidade em arte é a consciência da sensação."

O poeta questiona-se freqüentemente quanto à finalidade da vida humana, que ele considera uma série de vidas distintas, desdobramentos da vida elementar. Ele quer viver todas essas vidas que integram a vida primordial. A idéia de que algo possa ser determinado por Deus ou pelo mundo aflige o poeta. Ele detesta o começo e o fim das coisas, pois são pontos definidos.

O tema que mais atrai Fernando Pessoa na realização de sua obra literária é a "a febre do Além".

"Esse espírito religioso e a conseqüente noção da terrível importância da Vida são o seu mais grave problema huma-



no e o tema central de sua poesia, do qual se derivam todos os outros."

Acrescenta que é mais que a fixação num determinado sistema filosófico ou a escolha de uma religião ou de um deus, esse Mistério que o faz procurar ansiosamente seu próprio ser. E conclui que na sua obra só existe um Deus-Destino; a ausência de um Deus-Amor é quase constante em seus poemas.

"Só momentaneamente uma súbita irradiação de calor íntimo romperá as camadas que o isolam do contato divino. A esse Deus então encontrado num instante de abandono, num desses raríssimos instantes em que consegue parar o pensamento, entrega, confiante, a mão 'criança' ao pé dos céus."

A idéia de que o momento atual é um dilatado momento de tempos-seres o domina continuamente, chegando, muitas vezes, a identificar esse momento primordial com a noite — "noite antiga e calma" em que ele poderá finalmente repousar.

Outra idéia constante associada a essa busca do Absoluto, é a idéia do Silêncio. Para o poeta, o silêncio ora é temido, ora é desejado e quase sempre está unido à sombra.

O poeta não fala, ele é a "tela" onde se projetam as instruções do Além. Essa é uma das sensações mais constantes que nos deixa Fernando Pessoa — a convicção do transcendental, "a presença da ausência".

"A ausência negativa em relação à realidade material, traz em si um sentimento positivo da existência do ausente."

Essa inquietação do poeta em busca de sua verdadeira realidade — a verdade subjacente contida no fundamento — empresta freqüentemente a Fernando Pessoa essa sensação de exilado neste mundo das aparências. Por isso, considera-se um "eu-objeto", impulsionado por um "eu-sujeito", que não vive nele, que está muito acima de sua manifestação material, e além das especulações metafísicas em torno do homem.

Essa angústia ele manifesta em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, numa passagem de grande expressividade temática e beleza estética:

"Ficarei o Inferno de ser Eu, a Limitação Absoluta, Expulsão — Ser do Universo longínquo! Ficarei nem Deus, nem homem, nem mundo, mero vácuo-pessoa, infinito de Nada consciente, pavor sem nome, exilado do próprio mistério, da própria Vida. Habitarei eternamente o deserto morto de mim, erro abstrato da criação que me deixou atrás. Arderá em mim eternamente, inutilmente, a ânsia (estéril) do regresso a ser."

Em suma, a ânsia do poeta era *viajar* — viajar outros sentidos, outras vidas.

Sá Carneiro dizia do amigo que entre os seus versos corriam nuvens que encerravam a beleza máxima. Para ele, o manuseio do mistério, a interrogação do além, elevavam ao sublime a poesia de Fernando Pessoa.

Essa tendência ao descontínuo, às intersecções, na consciência do seu psiquismo, é proveniente de um temperamento que o próprio Fernando Pessoa classificava de histeroneurastênico.

João Gaspar Simões considera que Fernando Pessoa penetrou tão fundo nos mistérios do ocultismo, que o ocultismo não pode deixar de corresponder a qualquer coisa de sério e profundo. Está convencido de que essa busca nas ciências ocultas foi antes uma justificação a posteriori de sua poesia e dos seus desdobramentos pessoais que um princípio *a priori*, pois, continua a atribuir o estímulo originário do poeta ao fator psicológico. Fernando Pessoa, contudo, ligando-se a Teosofia e dela passando ao puro ocultismo, mostra-se integrado nos segredos da doutrina hermética tal como a concebem os iniciadores do fim do século XIX.

Segundo Gaspar Simões, a solução encontrada dentro da Teosofia para o problema da unidade pessoal ou da sinceridade integral — problema fundamental da personalidade do autor — não deve ter sido decisiva. A morte da mãe, único elo que o ligava à terra, abalou profundamente suas convicções teosóficas, pois para a Teosofia "a morte não existe, pois cada homem que vive na terra, do céu desceu e se à vida desce é apenas para de novo voltar à verdadeira morada de onde temporariamente se afastou..."

Se existe um Mestre Desconhecido, só pela inteligência essa existência pode ser comprovada. Pela apreensão sensorial o poeta só poderá constatar sua impossibilidade de se ver a si mesmo como um todo coerente e homogêneo, um ser moral definido e uno.

A condição indigente doente não possibilita, pela transcendência, uma grande aproximação do ser. Daí a tendência do poeta à multiplicidade — ansiar ser vários entes ao mesmo tempo para tentar apreender a essência em sua totalidade.

"Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas."

2.3. *Justificação do item anterior, através de alguns poemas de Fernando Pessoa ele-mesmo e dos heterônimos.*

Tomaremos como referência alguns poemas de Fernando Pessoa ele-mesmo, e daí remeteremos aos dos heterônimos.

Em *Mensagem*, anotamos as seguintes passagens alusivas aos "tempos-seres" originais:

— Idéia de retomada de estruturas metafísicas do passado

"Nação porque reincarnaste,  
Povo porque ressuscitou  
Ou tu, ou o de que eras a haste  
Assim se Portugal formou."

(Primeira Parte / Barão — II — Os Castellos — Segundo / Viriato — 2.<sup>a</sup> estrofe)

— Estrofe representativa da temática central de sua obra — "A febre do Além"

"Poz-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A fronte com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar."

(Primeira Parte / Brasão — III — As Quinas — Segundo / D Fernando, Infante de Portugal, 2.<sup>a</sup> estrofe)

— Afirmação do domínio da Irrazão, da Loucura

"Minha loucura, outros que me tomem  
Com o que nella ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadaver addiado que procria?"

(Primeira Parte / Brasão — III — As Quinas — Quinta / D. Sebastião, Rei de Portugal, 2.<sup>a</sup> estrofe)

— Consciência da impossibilidade de atingir o fundamento

"E a cruz ao alto diz que o que me ha na alma  
E faz a febre em mim de navegar  
Só encontrará de Deus na eterna calma  
O porto sempre por achar."

(Segunda Parte / Mar Portuguez — III — Padrão — 4.<sup>a</sup> estrofe)

— Em *A Última Nau*, o poeta reúne os elementos que sintetizam o que não pode ser apreendido, o que escapa à racionalidade humana: Deus — Mistério — Hora.

— Certeza de um comando inteiramente irracional

"Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?  
É a voz de alguém que nos falla,  
Por ter havido escutar."

(Terceira Parte / O Encoberto — I — Os Símbolos — Quarto / As Ilhas Afortunadas — 1.<sup>a</sup> estrofe)

— Quinto / O Encoberto — todo o poema contém uma indagação:

"Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?"

— Única possibilidade para o poeta de essencializar-se: encontro com o Encoberto

"Quando virás, ó Encoberto  
Sonho das eras portuguez,  
Tornar-me mais que o sopro incerto  
De um grande aneio que Deus fez?"

(Terceira Parte / O Encoberto — II — Os Avisos — Terceiro — 4.<sup>o</sup> estrofe)

### *Cancioneiro*

— Em *Hora Absurda*, na última estrofe, de novo encontramos a fixação do poeta pelo Além, pelo inatingível — o mundo oculto e impenetrável, para ele real, porque acima das possibilidades humanas.

"Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos."

— Idéia da "presença da ausência"

"Além-Deus! Além-Deus! Negra calma  
Clarão do Desconhecido ..."

(Além-Deus — IV / A Queda)

— Dispersão da racionalidade humana como centro unificador da Verdade

"Deus é um grande Intervalo,  
Mas entre quê e quê? ...  
Existe o que digo e o que calo  
Existo? Quem é que me vê?  
Erro-me ... E o pombal elevado  
Está em tórno na pomba, ou de lado?"

(Além-Deus — V / Braço sem Corpo Brandindo um Gládio — 3.<sup>a</sup> estrofe).

— Em *Chuva Obliqua*, o autor pressente uma sobra antiquíssima dos tempos originais, diluída na matéria presente

"E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa  
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem  
E chega ao pé de mim, e entre por mim dentro,  
E passa para o outro lado da minha alma ..."

(5.<sup>a</sup> estrofe)

— Em *Passos da Cruz* — novamente idéia de passividade, de inaniidade diante de algo determinado por uma força maior

"Aconteceu-me esta paisagem, fadas  
De sepulcro a orgíaco ... trigueiros  
Os céus da tua face, e os derradeiros  
Tons do poente segredam nas arcadas ..."

(I — 2.<sup>a</sup> estrofe)

- Idéia de ser um representante imperfeito de um Ser potencialmente perfeito e acabado

"Venho de longe e trago no perfil,  
Em forma nevoenta e afastada,  
O perfil de outro ser que desagrada  
Ao meu atual recorte humano e vil."

(VI — 1.<sup>a</sup> estrofe)

- Idéia do poeta como ente predestinado

"Há um poeta em mim que Deus me disse"  
(II — 1.<sup>o</sup> verso)

- Tem profunda consciência do Desigual — desequilíbrio entre fundamento e fundamentado

"E nesta estrada para Desigual  
Florem em seguida glória marginal  
Os girassóis do império que morri ..."

(VI — 4.<sup>a</sup> estrofe)

- Entre o orgulho e a agonia, com sua convicção de ter sido marcado pelo gênio, de ser predestinado para receber nele uma força atuante, o homem se dispersa em benefício da força instaurada do *Outro*.

"Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela  
E oculta mão colora alguém em mim."

(XI — 1.<sup>a</sup> estrofe)

"Disperso ... E a hora como um leque fecha-se ...  
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar ..."

(XI — 3.<sup>a</sup> estrofe)

- Domínio do Inconsciente, da Irrazão, atuando por intermédio do poeta — meio, veículo ou tela — onde se projetam as mensagens do rei desconhecido.

"Emissário de um Rei desconhecido,  
Eu cumpro informes instruções de além,"

(XIII — 1.<sup>a</sup> estrofe)

— Reiteração da mesma idéia

"De quem é o olhar  
Que espreita por meus olhos?  
Quando penso e vejo,  
Quem continua vendo  
Enquanto estou pensando?  
Por que caminhos seguem,  
Não os meus tristes passos,  
Mas a realidade  
De eu ter passos comigo?"

(Episódios / A Múmia — III)

— A angústia maior do poeta é sentir que não são dele as palavras com que fala e escreve. Maria Aliete Galhoz comenta sobre essa angústia do poeta que sente a possessão de uma voz poética e luta por uma tradução verbal dela.

"Não meu, não meu é quanto escrevo  
A quem o devo?"

### 3. ALBERTO CAEIRO

Alberto Caeiro — anti-metafísico, anti-sentimental, anti-espiritualista, poeta da natureza, viu as coisas com "os olhos de ver", configurando-se o anti-Pessoa.

Seu método de abordar as coisas do mundo reflete a fenomenologia husserliana, na aceitação do fato sem nenhuma espécie de pré-conceito. Exatamente aí se encontra o ponto de contato com a *Arqueologia* de Michel Foucault, quando as estruturas culturais são simplesmente *observadas* e *descritas* como ilhas isoladas, sem remeter a nenhuma forma de relacionamento.

Alberto Caeiro é, assim, um poeta objetivo, cujos poemas — naturais e espontâneos — são unificados por um pensamento de certa forma filosófico.

"Aquela ordem e disciplina que o paganismo tinha, e o cristianismo nos fez perder, aquela inteligência raciocinada das coisas, que era seu apanágio e não é nosso, está ali."<sup>21</sup>

#### 3.1. O Guardador de Rebanhos

Intensificação da idéia de que a consciência se esgota na sua relação com o objeto — domínio dos sentidos (principalmente visão) e falência do ato de *pensar*.

"O meu olhar é nítido como um girassol"  
(II — 1.<sup>a</sup> estrofe — 1.<sup>o</sup> verso)

"O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério  
O único mistério é haver quem pense no mistério."  
(V — 3.<sup>a</sup> estrofe)

"E os meus pensamentos são todos sensações  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a bôca."  
(IX — 1.<sup>a</sup> estrofe)

— O poeta só acredita no que vê — não crê na transcendentalidade.

"A mim ensinou-me tudo  
Ensinou-me a olhar para as coisas."  
(VIII — 4.<sup>a</sup> estrofe)

— Toda sua filosofia (embora negue que tenha uma filosofia) está resumida em *Guardador de Rebanhos* — XXIV — 2.<sup>a</sup> estrofe.

"O essencial é saber ver.  
Saber ver sem estar a pensar,  
E nem pensar quando se vê  
Nem ver quando se pensa."

— Resumo do enfoque fenomenológico: fuga aos pré-conceitos.

"Procuo dizer o que sinto  
Sem pensar em que o sinto  
Procuo enconstar as palavras às idéias  
E não precisar dum corredor."  
(XLVI — 2.<sup>a</sup> estrofe)

— Total separação entre *sentir* e *pensar*, pois para ele, "pensar é essencialmente errar".

"Às vêzes ponho-me a olhar para uma pedra  
Não me ponho a pensar se ela sente  
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.



Mas gosto dela por ela ser uma pedra,  
Gosto dela porque ela não sente nada,  
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum  
comigo."

(Poemas Inconjuntos)

- Os poemas finais de Alberto Caeiro fogem à disciplina, à objetividade, revelando certa dose de emotividade, participando inclusive da "Temática do Além".

"Mas a minha alma só pode ser definida por termos  
de fora.  
Existe para mim — nos momentos em que julgo que  
efetivamente existe —  
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo."  
(Poemas Inconjuntos — 24.10.1917 — 2.<sup>a</sup>  
estrofe)

"Dizes, filósofo doente, filósofo em fim, que isto é  
materialismo.  
Mas isto como pode ser materialismo, se materialis-  
mo é uma filosofia,  
Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma  
filosofia minha,  
E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu?"  
(Poemas Inconjuntos — 24.10.1917 —  
última estrofe)

#### 4. RICARDO REIS

"É a voz mais naturalmente serena de Pessoa; seus pequenos poemas, conceituosos e incisivos, transmitem uma mensagem de equilíbrio e prudência."<sup>22</sup>

Apesar de sua sobriedade, sobressai em alguns poemas a idéia de anterioridade vital, que escapa à compreensão humana:

"Que aos outros deuses que te precederam na memó-  
ria dos homens,  
Nem mais nem menos és, mas outro deus."  
(*Não a ti, Cristo, odeio* ... — 1.<sup>a</sup> estrofe)

- Idéia da fragilidade humana, de nossa passagem breve no mundo, impulsionados por um centro que nos escapa.

"Que há noite antes e após  
O pouco que duramos."

(Odes do Livro Primeiro — II)

— Angústia da contínua dispersão

"Pesa-me a lei inimplorável, dói-me  
A hora ínvita, o tempo que não cessa,"

(Odes do Livro Primeiro — VIII)

— Anotamos também em Ricardo Reis a constatação do Desconhecido, do impalpável.

"Dos brutos, não a vida, senão a alma,  
Consigamos, pensando, recolhidos  
No impalpável destino  
Que não 'spera nem lembra."

(Outras Odes)

— Desejo de abranger a totalidade, de alcançar a integralidade.

"Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
no mínimo que fazes."

(Outras Odes)

## 5. ÁLVARO DE CAMPOS

Nele é que mais se configura essa ânsia do *todo* — desejo de hipertrofia de todas as sensações, procurando viver todas as possibilidades favorecidas pela emoção. Seus poemas são um extravasar de sentimentos, em que a idéia serve a emoção, mas não a domina. Sente o apelo desordenado de todas as coisas — quer ser tudo, ao mesmo tempo.

— Em *A Ode Marítima*, ele tem consciência da materialização simbólica de seus antepassados.

"Todo o atracar, todo o largar de navio,  
É — sinto-o em mim como o meu sangue —  
Inconscientemente simbólico, terrivelmente  
Ameaçador de significações metafísicas  
Que perturbam em mim quem eu fui..."  
(2.ª estrofe)

"Ah, quem sabe, quem sabe,  
Se não parti outrora, antes de mim,  
Dum cais, se não deixei, navio ao sol  
Oblíquo da madrugada  
Uma outra espécie de pôrto?"  
(4.<sup>a</sup> estrofe)

"O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente  
imitado,  
Insensivelmente evocado,  
Nós os homens construímos  
Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira."  
(5.<sup>a</sup> estrofe)

"Ah, que essencialidade de mistério e sentido parados  
Em divino êxtase revelador  
Às horas cor de silêncios e angústias  
Não é ponte entre qualquer cais e O Cais!"  
(7.<sup>a</sup> estrofe)

— Expressão máxima da abrangência da totalidade.

"Todos os mares, todos os estratos, todas as baías, todos  
os golfos,  
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!"  
(17.<sup>a</sup> estrofe)

— Atração pelo mistério do mar, que traz em si o segredo das origens.

"Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,  
O Puro longe, liberto do pêso do Atual ..."  
(20.<sup>a</sup> estrofe)

— No seu desejo do Encontro, ele coloca no Outro o apelo que contém dentro de si.

"A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz  
sem Bôca  
Vinda de sôbre e de dentro da solidão noturna dos  
mares.  
Chama por mim, chama por mim, chama por mim ..."

— Objetivo final da aventura pessoal do poeta.

"Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto para  
realizar o Impossível!"

— Em *Saudação a Walt Whitman* — enumeração caótica de grande expressividade e impacto emocional, para expressar a "totalidade das sensações".

"Loucura furiosa! Vontade de ganhar, de saltar,  
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o  
corpo,"

"Quero voar e cair de muito alto!  
Ser arremessado como uma granada!"

— Em *Passagem das Horas* — idéia da anterioridade de uma estrutura metafísica.

"Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei ...  
Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos ...  
Experimentei mais sensações do que tôdas as sensações  
que senti,"

— Justificação do desejo de multiplicidade

"Multipliquei-me para me sentir  
Para me sentir, precisei sentir tudo,"

— Autodefinição

"Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso  
Às leis irrepreensíveis da Vida."

## 6. CONCLUSÃO

Entre Foucault e Pessoa estabelece-se um ponto de contato fundamental — a certeza da "dispersão do homem".

Essa idéia baseia-se na firme convicção de que nós não possibilitamos nada, somos possibilitados. A Razão humana não consegue ultrapassar os limites de sua compreensão e captar o domínio do Inconsciente, da Irrazão. Existe um núcleo organizador, exterior ao homem, do qual ele participa como um dos elementos. Mas que será esse núcleo?

Foucault nega o transcendente e acredita que o próprio sistema instaura a sua realidade. A "intenção implícita" que impulsiona as variações, ocasionando as diferenças entre as estruturas culturais, escapa totalmente ao homem, condicionado pelo centro de coerência de sua época. O próprio siste-

ma fala através do homem, que é impulsionado inconscientemente numa determinada Ordem.

Em Fernando Pessoa, a "presença da ausência" é carregada de sentimento transcendente, de religiosidade.

Para Foucault, o homem deverá libertar-se dessa inquietude, dessa preocupação milenária de acesso ao fundamento, pois ele lhe será sempre negado.

Pessoa, racionalmente bastante lúcido e espiritualmente sensível às manifestações religiosas, procurará no ocultismo a única realidade que considera — o Além, de onde veio e para onde retornará, quando terminar seu exílio no mundo dos entes.

De maneira alguma, pretendemos esgotar este tipo de abordagem, já que, em se tratando de uma temática central, exigiria um estudo muito mais abrangente e profundo.

Levamos em consideração, também, as diferenças fundamentais entre as personalidades de Fernando Pessoa ortônimo e Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Enquanto a poesia de Caeiro evolui de uma posição anti-Pessoa para um processo de pessoalização crescente — nos seus últimos poemas anotamos também a mesma preocupação pela constatação de um núcleo gerador que lhe escapa — a poesia de Ricardo Reis por vezes constata a passagem efêmera do homem no mundo, obedecendo a Leis Supremas, de modo sóbrio, recatado e altivo.

Álvaro de Campos explode em indagações, manifestações dispersas, ânsia de abranger a totalidade, sensorialmente. Suas questionações, de maior expressividade temática, porquanto ocasionam maior impacto e vibração sobre a sensibilidade do indivíduo, são o exemplo acabado do homem desmembrado, disperso, produto da era das explosões tecnológicas — o homem dissipa-se, multiplica-se num abraço global, em comunhão com todas as formas vitais.

## 7. RESUMO

Este trabalho desenvolve-se em três etapas:

1. Explicação das teorias de Foucault em *As Palavras e As Coisas*, onde ele conclui que o homem é produto do próprio sistema e que o centro ordenador escapa à percepção humana. Foucault prega o domínio da Desrazão sobre a Razão.

2. Referências às questionações de Fernando Pessoa sobre "a presença da ausência". Sua poesia desenvolve-se tendo como tema central a "febre do Além". O poeta indaga-se freqüentemente sobre a origem dessa força que possibilita sua atuação. Espírito religioso, Pessoa acredita na — transcendentalidade e no Absoluto — estrutura metafísica perfeita e acabada de quem somos cópias imperfeitas. Para ele, o homem anseia pelo retorno à fonte originária — quando reencontrará a Perfeição, pondo fim ao seu estado indigente.
3. Justificação das idéias de Fernando Pessoa através de alguns poemas, tomando por base Fernando Pessoa ele mesmo e procurando remeter aos heterônimos.

#### 8. NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) FERREIRA, V. Questionação a Foucault e a Algum Estruturalista. In: **As Palavras e As Coisas**. Lisboa, Portugal, 1968, 23 p.
- 2) CORVEZ, M. **Les Structuralis.es**. Paris, Éditions Aubier-Montaigne, 1969, 35 p.
- 3) FERREIRA, V. Questionação a Foucault e a Algum Estruturalista. In: **As Palavras e As Coisas**. Lisboa, Portugal, 1968, 13 p.
- 4) CORVEZ, M. **Les Structuralis.es**. Paris, Éditions Aubier-Montaigne, 1969, 131 p.
- 5) HEIDEGGER, M. **Que é isto — a Filosofia?** São Paulo, Duas Cidades, 1971, 81 p.
- 6) FOUCAULT, M. **As Palavras e As Coisas**. Lisboa, Portugal, 1968, 54 p.
- 7) FOUCAULT, M. **As Palavras e As Coisas**. Lisboa, Portugal, 1968, 68 p.
- 8) FOUCAULT, M. **As Palavras e As Coisas**. Lisboa, Portugal, 1968, 280 p.
- 9) FOUCAULT, M. **As Palavras e As Coisas**. Lisboa, Portugal, 1968, 391 p.
- 10) BERARDINELLI, C. O Eu Profundo. In: **Caderno da PUC**, Rio de Janeiro, 1969, n.º 1, 12 p.
- 11) PEREIRA DA COSTA, D. **O Esoterismo de Fernando Pessoa**. Porto, Lello e Irmão, 1971, 128 p.
- 12) PEREIRA DA COSTA, D. **O Esoterismo de Fernando Pessoa**. Porto, Lello e Irmão, 1971, 139 p.

- 13) ENTRAMBASAGUAS, J. **Fernando Pessoa y Su Creación Poética**. Madrid, 1955, 23 p.
- 14) PESSOA, F. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. Lisboa, Ática, 1966, 137 p.
- 15) BERARDINELLI, C. **Poesia e Poética de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro, 1958, 7 p.
- 16) BERARDINELLI, C. **Poesia e Poética de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro, 1958, 28 p.
- 17) BERARDINELLI, C. **Poesia e Poética de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro, 1958, 131 p.
- 18) PESSOA, F. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. Lisboa, Ática, 1966, 60 p.
- 19) GASPARD SIMÕES, J. **Vida e Obra de Fernando Pessoa**. 2. ed. Lisboa, Livraria Bertrand, 540 p.
- 20) PESSOA, F. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. Lisboa, Ática, 1966, 93 p.
- 21) REIS, R. Introdução a Poemas de Alberto Caeiro. In: **Fernando Pessoa — Seleção Poética**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1971, 133 p.
- 22) BERARDINELLI, C. **Poesia e Poética de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro, 1958, 112 p.